

A EXPRESSÃO DA FUTURIDADE EM TEXTOS INFORMATIVOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS FORMAS VERBAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU¹

THE EXPRESSION OF FUTURITY IN REPORTING TEXTS: SOME REMARKS ON THE VERBAL FORMS OF EUROPEAN PORTUGUESE

Luís Filipe Cunha²

RESUMO

O português europeu dispõe de um conjunto diversificado de formas verbais que remetem para a prospetividade, das quais se destacam o futuro simples, a construção *ir* (no presente ou no futuro) + infinitivo e o presente do indicativo com valor futurativo. Todas estas formas manifestam divergências evidentes ao nível do seu significado, embora partilhem igualmente propriedades comuns. Com base na análise de um *corpus* constituído por 18 textos de carácter informativo, procuramos dar conta das semelhanças e diferenças que se observam entre as estruturas em questão, assim como das relações que estabelecem entre si. Nesse sentido, constatamos que, ainda que estas construções sejam frequentemente utilizadas para a localização das situações com que se combinam num intervalo posterior ao momento da enunciação, cada uma delas apresenta características definitórias próprias: *ir* + infinitivo restringe-se sobretudo à expressão da temporalidade; o futuro simples combina valores temporais e modais e o presente com valor futurativo indica posterioridade preferencialmente associada ao domínio do presente. Os contrastes entre estas configurações são ainda confirmados pelas divergências combinatórias e interpretativas que se verificam no contexto de verbos modais como *poder* ou *dever*. Em termos gerais, e a avaliar pelas relações entre os diferentes tempos verbais considerados, podemos afirmar que a expressão da futuridade no português europeu parece estar num constante processo de reajustamento, sendo fundamental considerar o contributo de outros fatores, como os advérbios temporais, as propriedades lexicais de certos verbos ou o contexto discursivo, para a plena compreensão das conexões temporais no interior dos textos.

PALAVRAS-CHAVE: Expressão da futuridade. Futuro simples. *Ir* + infinitivo. Presente com valor de futuro. Temporalidade. Modalidade.

ABSTRACT

European Portuguese has a diverse set of verb forms that refer to prospectivity, including the futuro simples (simple future), the structure *ir* ('go') (in the present or in the future) + infinitive and the presente do indicativo (simple present) with a futurate meaning. All these forms show clear divergences in meaning, although they also share relevant common properties. Based on the analysis of a corpus consisting of 18 reporting texts, we tried to account for the similarities and differences between the structures in question, as well as the relationships they establish with each other. Accordingly, we found that, although these constructions are often used to locate the situations with which they combine in an interval subsequent to the moment of utterance, each of them presents its own defining characteristics: *ir* ('go') + infinitive is mainly restricted to the expression of temporality; the simple future combines temporal and modal values and the present with a futurate meaning

¹ Artigo escrito em Português Europeu.

² Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centro de Linguística da Universidade do Porto Unidade financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia UIDB/00022/2020, luisfilipeleitecunha@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1748-1053>.

indicates posteriority in a present domain. The contrasts between these configurations are further confirmed by the combinatorial and interpretative divergences that occur in the context of modal verbs such as *poder* ('may') and *dever* ('must'). In general terms, and based on the relations between the different tenses under consideration, we can say that the expression of futurity in European Portuguese seems to be in a constant process of readjustment, and it is essential to consider the contribution of other factors, such as temporal adverbials, the lexical properties of some verbs or the discursive context, for the full understanding of temporal organisation within texts.

KEYWORDS: Expression of futurity. Simple future. *Ir* ('go') + infinitive. Futurate present. Temporality. Modality.

Introdução

A expressão da futuridade em línguas como o português abrange um vasto e muito complexo conjunto de fatores que interagem dinamicamente entre si. Os tempos gramaticais, alguns verbos com informação lexical relevante, os adverbiais temporais ou mesmo certas indicações (extra) linguísticas fornecidas pelo contexto contribuem decisivamente para o estabelecimento de relações de posterioridade no domínio temporal.

De entre os diversos fatores apontados, as formas verbais surgem indubitavelmente como um dos mais relevantes (cf. COPLEY, 2009). Tempos gramaticais como o futuro simples (cf. (1)), a construção *ir* no presente do indicativo + infinitivo (cf. (2)), *ir* no futuro + infinitivo (cf. (3)), o presente do indicativo com valor de futuro (cf. (4)) ou a estrutura *haver de* + infinitivo (cf. (5)) são frequentemente utilizados, no português europeu (doravante PE), para localizar as situações com que comparecem num intervalo posterior ao momento da enunciação (ou a um outro intervalo que se constitua como o respetivo Ponto de Perspetiva Temporal; veja-se KAMP; REYLE, 1993).

- (1) Nos próximos anos, talvez cinco, surgirá o primeiro actor sintético, um personagem accionado por computador. (CetemPúblico, par=ext15067-clt-95b-2)³
- (2) No Jardim de Oeiras, mesmo ao lado da marginal, vai surgir um *drive-in* da MacDonal'd's, cuja inauguração está marcada para Outubro. (CetemPúblico, par=ext74208-soc-96a-1)
- (3) E é lá que irá surgir, além de novas instalações para os animais, uma urbanização com escritórios ocupando três dos dez hectares. (CetemPúblico, par=ext322379-soc-95b-1)
- (4) O treinador considera que até um empate «seria desastroso» para a equipa de Portugal, que amanhã parte para a Suécia, preparando o encontro do próximo domingo a contar para a fase de apuramento do «Mundial» / 94. (CetemPúblico, par=ext75046-des-93b-1)
- (5) No Chiado, uma centena de metros mais abaixo, também em obras continua a zona onde há-de surgir um outro acesso do Metro, passando sob a ruína dos Armazéns do Chiado, e com saída para a Rua do Crucifixo. (CetemPúblico, par=ext8559-soc-95a-2)

³ Este exemplo, tal como os seguintes, foi retirado do CetemPúblico, um *corpus* eletrónico sincrónico do português europeu com aproximadamente 180 milhões de palavras que reúne um vasto conjunto de extratos de notícias do jornal português *Público* e que está disponível para consulta em linha em www.linguateca.pt. Mais informações a respeito do *corpus* e da forma como os exemplos estão organizados podem ser obtidas no referido sítio web.

Tal como os exemplos que acabámos de apresentar comprovam, todas estas formas verbais podem ser utilizadas para a expressão da futuridade. Nesse sentido, importa tentar compreender como se relacionam entre si, quais as diferenças e as semelhanças que manifestam, bem como as diversas interações que estabelecem no quadro mais vasto da organização textual.

Com o objetivo de dar resposta a algumas destas questões, construímos um pequeno *corpus* sincrónico constituído por 18 textos de natureza informativa, retirados de jornais ou de páginas disponíveis na Internet. De forma a garantir um número suficiente de exemplos ilustrativos das relações de posterioridade que nos propomos investigar, tivemos o cuidado de selecionar artigos que, devido à temática abordada (e.g. previsão de lançamento de novos produtos informáticos, anúncios de espetáculos culturais ou de outros eventos planificados, etc.), de uma forma ou de outra, se adequassem à apresentação de acontecimentos localizados no domínio do futuro.

A partir de uma análise qualitativa das diferentes formas verbais que remetem para a posterioridade, procuraremos, ao longo do presente artigo, averiguar quais as propriedades semânticas, no que respeita ao estabelecimento de relações temporais e modais, que melhor as caracterizam e qual o papel que desempenham na determinação da estruturação temporal no interior do texto. Por análise qualitativa entendemos uma abordagem eminentemente centrada nas propriedades e comportamentos linguísticos das configurações envolvidas, mais do que as proporções numéricas em que comparecem nos excertos estudados.

Assim, na próxima secção deste trabalho, iremos discutir, ainda que muito brevemente, algumas das hipóteses que têm sido levantadas na literatura para o tratamento das diferentes formas que expressam futuridade; em seguida, em 2, teceremos algumas considerações acerca da metodologia que aqui adotámos; a secção 3 será dedicada à discussão dos dados que se nos afiguraram mais relevantes, não só no que respeita à expressão da posterioridade propriamente dita, mas também à relação que estabelece com outros domínios semânticos, nomeadamente com a modalidade. Finalmente, em 4, serão apresentadas algumas considerações finais.

1. Comentários preliminares em torno das formas verbais que expressam futuridade

Se tem sido unanimemente aceite que, em PE, a construção *ir*+infinitivo expressa, essencialmente, uma relação temporal de posterioridade (cf. OLIVEIRA; LOPES, 1995; OLIVEIRA, 2013; CUNHA, 2022), já a caracterização do futuro simples está sujeita a alguma controvérsia. Surgem na literatura, com efeito, propostas muito diversas, por vezes mesmo divergentes, que se propõem dar conta do comportamento deste tempo gramatical.

Assim, autores como Alarcos Llorach (1994) para o espanhol, Giannakidou; Mari (2013, 2018) para o grego e para o italiano ou Oliveira (1986) e Silva (1997) para o português advogam um tratamento essencialmente modal – e particularmente associado à expressão da modalidade epistémica – para o futuro simples⁴.

⁴ Importa advertir, desde já, que, embora qualquer forma que remeta para a posterioridade em relação ao momento da

Na realidade, são diversos os contextos em que o uso do futuro simples parece desencadear leituras claramente modais. De entre estes, podemos destacar a tendência para as frases com este tempo gramatical se associarem a uma oração condicional implícita (cf. (6)), a capacidade de exprimirem valores inequivocamente modais, em particular no que toca à modalidade epistémica, revelando a possibilidade de alternância com verbos como *poder* ou *dever* (cf. (7)) e a ocorrência em configurações conjecturais ou hipotéticas cotemporais com o momento da enunciação, do género das que são estudadas por autores como Martin (1981), Dendale (2001) ou Laca (2017) (cf. (8)):

- (6) Segundo o acordo, ainda a ser ultimado, a AST comprará por 175 milhões de dólares (mais de 26 milhões de contos) todo o sector de informática à Tandy, incluindo a divisão Grid – especializada em modelos portáteis – e uma fábrica que a empresa tem na Escócia. (CetemPúblico, par=ext286464-clt-soc-93a-2)
- (7) É que, referiram os responsáveis da empresa, quando a fábrica estiver a funcionar em toda a sua capacidade, comprará (= pode comprar / deve comprar) 100 mil toneladas de batata crua por ano, para além de outras matérias-primas como o milho e o óleo vegetal. (CetemPúblico, par=ext491581-eco-93a-1)
- (8) Depois de cinco anos em Cartum, estará agora sob a protecção dos fundamentalistas Taliban no Afeganistão. (CetemPúblico, par=ext60167-pol-97b-1)

Numa frase como (6), a eventualidade que ocorre no futuro simples, i.e., “a AST comprar todo o setor de informática à Tandy”, parece estar na dependência de uma condicional implícita, que poderia ser parafraseada por “se o acordo for ultimado...”. Por seu lado, numa frase como (7) o futuro simples expressa claramente um valor modal epistémico de possibilidade, como a equivalência com os verbos modais *poder* ou *dever* deixa transparecer: a situação de “a fábrica comprar 100 mil toneladas de batata crua por ano” não nos é dada aqui meramente como um evento projetado para o futuro, na medida em que está envolvido um certo grau de incerteza, mas antes como um estado de coisas possível ou provável, mas sem garantias de realização. Finalmente, em (8), a situação perspectivada pelo futuro simples, i.e., “estar sob a protecção dos fundamentalistas Taliban no Afeganistão”, nem sequer é projetada para um intervalo posterior ao momento da enunciação: ela é-nos apresentada como uma conjectura ou uma hipótese que, a verificar-se, coincide, no eixo temporal, com o tempo da fala.

Se é certo que o futuro simples estabelece uma relação íntima com a expressão da modalidade, não deixa, contudo, de ser igualmente verdade que, em determinados contextos – em particular quando surge na companhia de adverbais temporais que restringem, de forma precisa, o intervalo de localização das eventualidades com que coocorrem – o referido tempo gramatical parece veicular

enunciação seja, sob um certo ponto de vista, modal, no sentido em que o valor de verdade das proposições envolvidas não pode ser avaliado no momento da fala, abrindo caminho à consideração dos futuros como um conjunto de histórias possíveis ou mundos ramificantes (“inertia worlds”), tal como observado, e.g., por Dowty (1979), quando nos referimos aqui a tratamentos modais para o futuro simples estamos a conceber a modalidade num sentido mais restrito, i.e., encaramo-la como a expressão de atitudes ou de opiniões dos falantes face às proposições enunciadas.

essencialmente informação temporal de posterioridade, equivalendo, *grosso modo*, em casos como estes, à construção *ir* + infinitivo. Observe-se o seguinte exemplo:

- (9) E de 22 a 27 de Outubro estará (= vai estar) em Lisboa, vinda de Toronto, a missão de inquérito do BIE para avaliar no terreno as potencialidades da candidatura. (CetemPúblico, par=ext15758-soc-91b-1)

Em contraste com os exemplos apresentados anteriormente, a frase em (9) manifesta uma interpretação de natureza fundamentalmente temporal, na medida em que o futuro simples parece ter como principal função a de localizar as situações com que comparece num intervalo posterior ao momento da enunciação; a sua substituição por verbos claramente modais, do género de *poder* ou de *dever*, ou dá origem a uma certa anomalia semântica ou altera substancialmente o significado da sequência, como se pode constatar em (10):

- (10) E de 22 a 27 de Outubro * pode estar / # deve estar em Lisboa, vinda de Toronto, a missão de inquérito do BIE para avaliar no terreno as potencialidades da candidatura.

Face a dados como estes, autores como Cunha; Cintra (1984), Mari (2009), Giomi (2010), Falaus; Laca (2014) ou Laca (2017) sugerem que o futuro simples é uma forma ambígua que tanto pode exprimir temporalidade quanto modalidade, estando a determinação do seu valor final na dependência de condições semânticas, pragmáticas e contextuais. Por outras palavras, a forma de futuro simples corresponderia a dois operadores, um de cariz temporal e outro de natureza modal, que competiriam entre si e cuja computação seria efetuada em cada frase concreta.

Embora este tipo de análise resolva algumas das questões com que nos temos vindo a deparar, nomeadamente a necessidade de dar conta da distinção entre leituras temporais e modais para o futuro simples, ele enfrenta um problema fundamental quando nos vemos confrontados com exemplos – de resto bastante abundantes – em que as duas interpretações em causa coexistem e parecem ambas manifestar igual relevância. É o que sucede em frases como a que apresentamos em seguida:

- (11) Parte-se do cálculo de que a moção receberá aproximadamente 80 por cento dos votos dos militantes filiados, e entre 40 e 45 por cento dos votos sindicalistas. (CetemPúblico, par=ext22297-pol-95a-1)

Numa frase como (11), o futuro simples ostenta de forma bastante visível marcas de modalidade epistémica associada à incerteza, evidenciadas pelo uso de expressões como “parte-se do cálculo” ou “aproximadamente”, mas não deixa, por outro lado, de remeter a realização da situação descrita para um intervalo posterior ao momento da enunciação, tornando-se claro que mantém marcas inequívocas de temporalidade.

Exemplos como o que acabámos de apresentar revelam que temporalidade e modalidade coexistem na significação do futuro simples, o que parece não se coadunar com a ideia de que se trata de uma forma ambígua, pelo menos se considerarmos que a ambiguidade supõe a existência de duas interpretações de carácter totalmente autónomo, perfeitamente independentes uma da outra.

No sentido de encontrar uma descrição adequada para o comportamento linguístico do futuro simples e de solucionar alguns dos problemas que aqui foram discutidos, Gennari (2000, 2002) propõe uma abordagem que envolve a consideração simultânea e integrada de fatores temporais, modais e aspetuais. Segundo a autora, o futuro simples veicula consistentemente informação temporal de posterioridade, sendo, no entanto, e dadas as circunstâncias adequadas, capaz de integrar no seu significado informação modal e aspetual⁵.

O futuro simples pode, assim, ser encarado como um operador “dual” que expressa, em simultâneo, tempo e modalidade.

Não sendo, aparentemente, tão frequentes nem representativas, estruturas como as que envolvem *ir* no futuro + infinitivo, o presente do indicativo com valor de futuro ou *haver de* + infinitivo⁶ não têm recebido, na literatura, o mesmo tipo de atenção se comparadas com as construções que acabámos de analisar.

Relativamente à estrutura *ir* no futuro + infinitivo, levantamos a hipótese de que o seu valor semântico poderá resultar da conjugação das propriedades eminentemente temporais da construção *ir* + infinitivo com o potencial de expressão da modalidade tipicamente associado ao futuro simples. Comparem-se, a título de exemplo, as seguintes frases:

(12) O ministro estará a discursar no parlamento.

(13) O ministro vai discursar no parlamento.

(14) O ministro irá discursar no parlamento.

Embora interpretações alternativas possam estar acessíveis para estes exemplos, parece ser consensual que, nas suas leituras preferenciais, se encontram divergências bastante perceptíveis: em (12), com o futuro simples e uma forma progressiva, temos uma leitura de cariz hipotético ou conjectural, em que se verifica a sobreposição da presumível situação ao momento da enunciação, parafraaseável por “(neste momento), o ministro deve estar a discursar no parlamento”⁷. Já em

⁵ A pertinência da interação com o aspeto é particularmente visível nas restrições a que as designadas interpretações conjecturais ou hipotéticas estão sujeitas: apenas estados (e nunca eventos) podem integrar leituras em que o futuro simples estabelece uma relação de sobreposição com o momento da enunciação (cf. o exemplo (8)). Para uma discussão mais aprofundada das diferentes propostas para o tratamento do futuro simples, bem como das suas vantagens e limitações, veja-se e.g. Cunha (2022).

⁶ Os dados recolhidos no nosso *corpus* parecem corroborar esta afirmação: à exceção do presente com valor de futuro, que surge com uma frequência que já poderá ser considerada significativa, tanto *ir* no futuro + infinitivo, com 5 ocorrências, quanto *haver de* + infinitivo, que não comparece nenhuma vez, revelam-se construções bastante raras.

⁷ Sublinhe-se, no entanto, e como já tivemos oportunidade de referir, que este tipo de interpretação do futuro simples está

(13), a construção *ir* (no presente) + infinitivo remete, de preferência, para a mera localização da eventualidade descrita num intervalo posterior ao momento da enunciação. Finalmente, em (14), com *ir* (no futuro) + infinitivo, embora a projeção para a posterioridade seja também evidente, o grau de certeza em relação à efetiva realização da situação descrita aparenta ser manifestamente menor, o que nos leva a considerar que, numa frase como esta, se conjugam informação temporal de posterioridade e um valor modal epistémico de incerteza⁸.

Quanto ao presente do indicativo com valor de futuro, a literatura normalmente assume que o seu uso está sujeito a alguns condicionalismos relevantes (cf. OLIVEIRA, 2006; LUCCHESI; ROCHA, 2022⁹).

Assim, considera-se, tipicamente, que o presente do indicativo apenas receberá uma leitura futurativa se acompanhado de adverbiais temporais ou de outras expressões equivalentes que remetam para a posterioridade ou se estiver inserido num contexto que favoreça inequivocamente este género de interpretação. Tal observação não é de todo surpreendente, na medida em que, em PE, a leitura preferencial do presente do indicativo é a de sobreposição ao momento da enunciação, quando combinado com estados, ou a de habitualidade, quando em coocorrência com eventos (cf. CUNHA, 2004/2007; OLIVEIRA, 2013).

Por outro lado, a relativa proximidade ao momento da enunciação constitui um outro pré-requisito frequentemente invocado para o licenciamento destas configurações. O contraste entre (15) e (16) parece, em certa medida, corroborar esta ideia:

(15) A nave Space X chega a Marte na próxima semana.

(16) # A nave Space X chega a Marte daqui a vinte anos.

Uma outra característica comumente atribuída ao presente com valor de futuro prende-se com o alto grau de certeza que tal forma transmite, (cf. o contraste entre (17) e (18)):

(17) O primeiro-ministro está (# possivelmente) em Bruxelas na próxima semana.

(18) O primeiro-ministro estará (possivelmente) em Bruxelas na próxima semana.

fortemente condicionado pelas propriedades aspetuais das predicções envolvidas, em particular pela presença de marcas de estatividade: numa frase como “O ministro discursará no parlamento”, o tempo gramatical em questão retoma, em grande medida, a sua função básica de localizador temporal.

⁸ Refira-se, contudo, que, como veremos mais adiante, quando analisarmos os textos que compõem o nosso *corpus*, estas diferenças nem sempre estão diretamente refletidas nas formas verbais consideradas e muitos outros fatores parecem estar em jogo no que respeita à computação da sua interpretação final.

⁹ Embora estes textos se refiram especificamente ao português do Brasil, parece existir um grande paralelismo entre o funcionamento destas formas em PB e em PE, pelo que as observações efetuadas se podem estender à variedade que estamos a investigar no presente trabalho.

Uma análise como esta leva-nos a considerar a hipótese de que, em contraste com a construção *ir* + infinitivo ou com o futuro simples, que integrariam um domínio futuro, o presente com valor futurativo pertenceria ao domínio do presente, constituindo-se como a expressão de um verdadeiro pós-presente (cf. DECLERCK, 1991, 2006; SILVANO, 2002). Uma tal abordagem permitiria tornar explícito o maior grau de integração desta forma com o intervalo disponibilizado pelo “agora” do discurso, o que parece ser plenamente justificado, em particular, pela emergência de uma relação obrigatória de relativa proximidade ao momento da enunciação, que não é de todo observada com as restantes configurações aqui investigadas¹⁰.

Não são, porém, apenas diferenças a nível semântico que nos permitem estabelecer distinções no que respeita às formas que expressam futuridade no português. Com efeito, e tal como observado, para o português do Brasil, por autores como Silva (1997), Gibbon (2002), Santos (2002), Oliveira (2006), Poplack; Malvar (2007) ou Tesch (2011), fatores como a oposição texto oral vs texto escrito¹¹ ou o grau de formalidade do discurso influenciam decisivamente a escolha pelas várias estruturas em competição.

De um modo muito geral, estes autores são unânimes em considerar que a forma de futuro simples está a ser rapidamente substituída pela estrutura *ir* (no presente) + infinitivo no que concerne à localização de situações em intervalos posteriores ao momento da enunciação. Com efeito, os seus trabalhos constataram que, na oralidade, o uso do futuro simples quase desapareceu em favor da construção perifrástica, estando, neste momento, praticamente restrito à comparência em textos escritos ou em discursos com um alto grau de formalidade.

Com vista a compreender se algumas das propostas teóricas que aqui brevemente foram apresentadas se confirmam também para o PE, nomeadamente no que diz respeito às formas verbais de maior prevalência para a expressão da posterioridade e qual a sua relação com a emergência de valores modais, decidimos recolher um pequeno *corpus* constituído por 18 textos escritos de natureza informativa que, de uma maneira ou de outra, descrevem situações futuras. Dada a reduzida dimensão do *corpus* e a ausência de dados de discurso oral espontâneo, que, pelo menos no que respeita ao futuro simples, trariam alterações significativas aos resultados obtidos¹², não é nossa intenção, naturalmente,

¹⁰ Dado que, no *corpus* que servirá de base para a nossa investigação, não foi encontrada qualquer ocorrência da construção *haver de* + infinitivo, ignoraremos aqui a sua análise, deixando-a para trabalhos posteriores. O mesmo acontece com a construção *ir* no futuro + infinitivo, que, embora surja em algumas ocorrências do nosso *corpus*, por razões que se prendem com as restrições ao espaço disponível, não será alvo da nossa investigação.

¹¹ Observe-se, no entanto, que, em PB, a oposição entre texto escrito e texto oral é particularmente relevante na medida em que a escrita se baseia numa norma culta padrão cujo modelo ainda toma como base o PE (de entre a extensa literatura sobre o assunto, cf. FARACO, 2008). Agradeço a um(a) revisor(a) o ter-me chamado a atenção para este facto. Seja como for, também no PE a oposição escrito vs oral – ou, talvez mais rigorosamente, discurso formal vs discurso informal – desempenha um papel crucial no que ao uso das formas de futuro diz respeito. Com efeito, e embora não exista, tanto quanto eu saiba, nenhum estudo sobre o tema, a verdade é que, em textos orais informais, as sequências integrando o futuro simples praticamente desapareceram, tendo sido substituídas pela construção *ir* + infinitivo ou pelo presente com valor de futuro. Neste momento, não nos será possível aprofundar esta questão, mas afigura-se-nos essencial, para um próximo trabalho, analisar a distribuição das formas que exprimem futuridade em interações orais em PE.

¹² Como já observámos atrás, o uso do futuro simples em discurso oral espontâneo (e.g., em conversas sem grande

tecer quaisquer considerações acerca de tendências gerais ou levantar hipóteses quanto ao processo de mudança em curso. Limitar-nos-emos a algumas observações sobre a interação que se estabelece entre as diferentes configurações que expressam futuridade e como se relacionam com outros fatores linguísticos que eventualmente condicionem a sua comparência.

2. Questões metodológicas

Tendo em conta que, como já referimos, o objetivo central do presente trabalho é o de comparar o funcionamento discursivo das várias formas que expressam futuridade em PE, coligimos um pequeno *corpus* constituído por 18 textos escritos, produzidos em Portugal, de natureza informativa, publicados entre 2015 e 2023, recolhidos em jornais e páginas disponíveis na Internet. Procurámos que os textos tivessem diferentes proveniências (alguns são retirados de jornais diários de referência, outros de páginas institucionais de entidades públicas e outros ainda de publicações especializadas difundidas exclusivamente *on-line*) e abordassem temáticas diversificadas, garantindo, no entanto, que pelo menos parte significativa das situações descritas fosse inequivocamente localizada em intervalos posteriores ao momento da enunciação. Nesse sentido, foram privilegiados artigos que dão conta de acontecimentos ainda não ocorridos, tais como lançamentos de novos produtos informáticos ou a apresentação de atividades culturais agendadas¹³.

Numa primeira fase, procedemos à contagem das diferentes formas verbais que exprimem futuridade no corpo dos artigos. Tratando-se de um *corpus* bastante reduzido, não foram consideradas percentagens, dado que os valores estatísticos a elas associados não teriam grande relevância em termos globais e, nesse sentido, a sua representatividade seria muito limitada.

Dada a sua especificidade, também não foram ponderadas na contagem inicial as configurações envolvendo verbos modais do género de *poder* ou de *dever* em interação com as estruturas que aqui nos ocupam; estas serão brevemente discutidas num momento posterior do trabalho.

Optámos, por outro lado, por considerar separadamente as formas verbais presentes nos títulos dos artigos: sendo o nosso *corpus* constituído, na maioria dos casos, por breves textos jornalísticos, quisemos saber se existe ou não algum tipo de variação na escolha dos mecanismos de expressão da futuridade nesse contexto particular. Com efeito, e como os dados nos revelarão, tendo os títulos, muitas vezes, a função específica de chamar a atenção para determinados aspetos da notícia, acabam por privilegiar estratégias comunicativas, como o uso do presente com valor de futuro, que surgem em menor quantidade ao longo do corpo do artigo.

monitorização) em PE parece muito limitado e sujeito a fortes restrições de ocorrência. A ausência de um *corpus* estruturado de fala que nos permita investigar especificamente este género de dados dificulta, no entanto, uma investigação mais aprofundada sobre o tema. Nessa medida, também não nos debruçaremos aqui sobre a complexa relação entre oral e escrito, em particular no que respeita à delimitação destes dois modos, na medida em que, mais relevante do que o suporte propriamente dito, parece ser o registo utilizado que desempenha um papel determinante. Por outro lado, qualquer tentativa de caracterização das diferenças entre discurso escrito e discurso oral levar-nos-ia a uma discussão que em muito ultrapassa o âmbito do presente trabalho.

¹³ No final do presente artigo estão indicados os títulos e as ligações para os textos que constituem o nosso *corpus*, que poderão ser facilmente acedidos pelo leitor interessado em conhecer pormenorizadamente todas as suas características.

Após a contabilização das ocorrências, procedemos à análise qualitativa dos exemplos, procurando compreender como se relacionam entre si as quatro principais estruturas investigadas e testar se as abordagens teóricas que discutimos na secção 1 se confirmam ou se, pelo contrário, existem dados que nos obriguem a reavaliar algumas das propostas aí contempladas. Sublinhe-se que, dado que o objetivo central do presente trabalho é o de discutir o comportamento concreto das construções sob análise, uma maior quantidade de dados não alteraria substancialmente a verificação das hipóteses elencadas.

3. Análise e discussão dos dados

Com vista a iniciar a discussão dos dados obtidos, tomemos, como ponto de partida, a contagem das quatro formas mais prevalentes de expressão da futuridade em PE nos 18 textos selecionados. Os resultados obtidos são apresentados no quadro que a seguir se apresenta:

Quadro 1: Contagem das diferentes formas verbais que exprimem futuridade no *corpus* selecionado¹⁴

Texto	<i>Ir + Inf</i>	<i>Ir Fut + Inf</i>	FS	PF
Texto 1	0	1	3	5
Texto 2	4	0	3	0
Texto 3	7	0	0	0
Texto 4	3	0	6	0
Texto 5	2	0	0	2
Texto 6	1	2	2	0
Texto 7	0	0	2	0
Texto 8	3	0	13	4
Texto 9	0	1	4	0
Texto 10	2	0	1	0
Texto 11	1	0	3	0
Texto 12	0	0	4	4
Texto 13	6	0	10	5
Texto 14	2	0	1	0
Texto 15	4	0	5	0
Texto 16	4	0	3	1
Texto 17	5	0	0	3
Texto 18	0	1	0	2
Totais	44	5	60	26
Títulos dos artigos	9	0	3	6

Fonte: elaboração do autor

¹⁴ No quadro, *ir + Inf* representa a construção *ir + infinitivo* (tipicamente no presente, embora tenhamos incluído também um caso em que *ir* surge na forma infinitiva); *ir Fut + Inf* remete para a estrutura *ir* no futuro + infinitivo; FS designa o futuro simples e PF o presente com valor de futuro. Como já foi dito, a construção *haver de + infinitivo* está completamente ausente do nosso *corpus*.

Uma primeira observação, algo surpreendente, tendo em conta o que tem sido referido na literatura acerca da substituição da forma sintética “tradicional” pela estrutura *ir* (no presente) + infinitivo, não só para o PE (cf. OLIVEIRA, 1986; 2013), mas também para o PB (cf. GIBBON, 2002; OLIVEIRA, 2006; POPLACK; MALVAR, 2007; TESCH, 2011) e inclusivamente para o espanhol (cf. SOBCZAK, 2015), prende-se com a prevalência dos casos de futuro simples – com um total de 60 ocorrências –, que suplantam a construção perifrástica, a qual aparece apenas 44 vezes¹⁵. Curiosamente, e se tivermos em consideração apenas os títulos dos artigos, os números invertem-se: a construção *ir* + infinitivo ocorre 9 vezes, ao passo que o futuro simples surge somente em 3 casos¹⁶.

Isto significa que, independentemente da análise semântica que possa ser atribuída a cada ocorrência particular, o futuro simples está longe de poder ser considerado uma forma verbal residual em PE, continuando, pelo contrário, a ser amplamente utilizado, pelo menos no que diz respeito aos textos escritos de natureza informativa. Este parece ser um ponto de divergência entre o PE e o PB, na medida em que, de acordo com a bibliografia consultada, o futuro simples parece estar em franca regressão na variedade americana, embora, em alguns casos, as autoras atrás mencionadas notem ainda a subsistência de diferenças entre o que se passa no registo formal e informal da língua.

Tal como esperado, e dadas as restrições contextuais a que se encontra sujeito, em termos numéricos, o presente com valor de futuro ocupa, no *corpus* que nos serviu de base, a terceira posição, com 26 ocorrências, sendo a construção *ir* no futuro + infinitivo a menos prevalente, com apenas 5 casos atestados.

3.1. Pontos de contacto e de afastamento entre as formas verbais que expressam futuridade

Tal como seria de prever, tendo em conta tudo o que é referido na literatura, também no nosso *corpus* a estrutura *ir* no presente + infinitivo veicula informação de cariz eminentemente temporal. Observem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

(19) O Centro Histórico de Gaia vai ter um novo controlo de acesso de veículos. (texto 11)

(20) A peça vai ter tradução em Língua Gestual Portuguesa e vai ter audiodescrição para tornar o espetáculo acessível a todos os públicos e vai ter ainda legendas em inglês. (texto 17)

¹⁵ Note-se, no entanto, que estamos face a textos escritos com algum grau de formalidade, o que pode justificar a comparência, ainda muito significativa, das formas de futuro simples, em linha, aliás, com o que foi sugerido por Oliveira (2006) em relação a textos brasileiros da década de 1990. A frequência relativamente alta desta forma verbal em dados da escrita parece manter-se em textos portugueses e brasileiros do século XXI, tal como observado em Oliveira (2011), num artigo em que a autora compara produções escritas do PE e do PB e em que conclui, baseada na análise de dados de textos jornalísticos, que ambas as variedades seguem percursos coincidentes no que respeita à substituição gradual de formas do futuro simples pela construção perifrástica *ir* + infinitivo.

¹⁶ Não sendo nossa intenção, de momento, explorar esta questão, colocaremos, tentativamente, a hipótese de que os títulos, utilizados para chamar a atenção do leitor, se encontram mais próximos de um registo menos formal do que o restante corpo da notícia, o que justificaria a clara prevalência da forma perifrástica e o contraste observado.

Em frases como as de (19)-(20), a principal função de *ir* + infinitivo parece ser a de localizar as situações num intervalo futuro, mesmo na ausência de adverbiais temporais explícitos que o delimitem. Uma leitura essencialmente modal afigura-se, pois, pouco ajustada, como a inadequação da paráfrase em (21) para descrever o significado de (19) confirma:

(21) O Centro Histórico de Gaia # pode / # deve ter um novo controlo de acesso de veículos.

Este valor temporal inerente à estrutura *ir* + infinitivo parece sair reforçado quando estão presentes adverbiais temporais que circunscrevem o intervalo de localização das eventualidades descritas:

(22) A cidade do Porto vai acolher, em outubro de 2021, o Festival WOMEX – The World Music Expo, um dos eventos mundiais mais importantes para os profissionais da indústria da música (...). (texto 8)

Não sendo frequente a comparência da construção *ir* + infinitivo em contextos em que predomina a modalidade, não deixa, contudo, de ser perfeitamente possível encontrá-la em sequências em que recebe uma interpretação modalizada. No nosso *corpus* podemos destacar um exemplo como o que a seguir apresentamos:

(23) Todavia, avisa que a peça revela “algumas deformidades da alma humana” e que é necessário que os pais saibam preparar os filhos para o que vão ver. (texto 17)

Numa frase como esta, parece plausível defender a ideia de que estamos perante uma estrutura condicional implícita, na linha do que é proposto para a interpretação de certas construções similares com o futuro simples (cf. OLIVEIRA, 1986). Assim, a paráfrase mais apropriada para (23) seria “Todavia, avisa que a peça revela «algumas deformidades da alma humana» e que é necessário que os pais saibam preparar os filhos para o que vão ver [se forem assistir à representação].”.

Também o futuro simples é muitas vezes utilizado com uma função essencialmente temporal, neste caso em variação com a construção *ir* + infinitivo, com que parece estar em competição, promovendo a localização das eventualidades com que coocorre num intervalo posterior ao momento da enunciação, sobretudo quando estão presentes adverbiais ou outras expressões equivalentes que especifiquem o período de tempo em questão:

(24) No próximo verão, o músico dará ainda três concertos com o grupo Ornatos Violeta. (texto 2)

(25) Será a 13 de Agosto que será anunciado o Note 5. (texto 4)

Tomando uma frase como (25), observamos que a paráfrase presente em (26) parece ser bem mais adequada do que aquela que é oferecida em (27), o que, em certa medida, confirma a predominância do valor temporal associado a exemplos como este:

(26) Vai ser a 13 de Agosto que vai ser anunciado o Note 5.

(27) # Pode / # Deve ser a 13 de Agosto que # pode / # deve ser anunciado o Note 5.

Mesmo na ausência de adverbiais temporais que remetam para a posterioridade, não é difícil encontrar no *corpus* que reunimos exemplos em que o futuro simples desempenha uma função eminentemente temporal, como aqueles que se apresentam em seguida:

(28) Será, ainda, requalificado o lago, “através da impermeabilização do leito e instalação de um novo sistema de recirculação da água”. (texto 7)

(29) Em convívio, os participantes serão desafiados, através de diferentes materiais e abordagens, a representar aquilo que os rodeia. (texto 13)

Uma sequência como (30), em que o futuro simples é substituído pela estrutura *ir* no presente + infinitivo, parece constituir uma paráfrase bem mais adequada para dar conta de um exemplo como (29) do que aquela que se apresenta em (31), em que figuram verbos modais:

(30) Em convívio, os participantes vão ser desafiados, através de diferentes materiais e abordagens, a representar aquilo que os rodeia.

(31) Em convívio, os participantes # devem / # podem ser desafiados, através de diferentes materiais e abordagens, a representar aquilo que os rodeia.

Dados como estes revelam que, pelo menos no tipo de textos que estamos a analisar, o futuro simples continua a receber interpretações de índole eminentemente temporal, em certa medida equivalentes àquelas que observámos para *ir* no presente + infinitivo, tendo como principal função a de localizar as situações com que coocorre num intervalo posterior ao momento da enunciação.

No entanto, no que respeita à forma sintética, e em claro contraste com a estrutura *ir* + infinitivo, são igualmente frequentes leituras que conjugam a localização futura das eventualidades com um valor claramente modal, como os exemplos seguintes ilustram:

(32) Com a Linha Rubi, a rede de Metro ganhará mais de 12 milhões de clientes anuais – 10 mil dos quais estudantes que, agora, terão acesso mais facilitado ao Pólo Universitário do Campo Alegre e às faculdades de Arquitectura, de Ciências e de Letras. (texto 1)

(33) O secretário de Estado adianta que até maio não haverá dinheiro para apoiar a internacionalização, num quadro de “total normalidade”. (texto 16)

No exemplo (32), “a rede de Metro ganhará mais de 12 milhões de clientes” parece equivaler a “a rede de Metro pode / deve ganhar mais de 12 milhões de clientes”, obtendo-se, assim, uma leitura em que predomina a expressão da modalidade epistémica, dado tratar-se, essencialmente, de uma suposição ou de uma estimativa que carece de posterior confirmação. Tal interpretação conjuga-se com o uso de um segundo futuro, “estudantes que, agora, terão acesso mais facilitado ao Pólo Universitário do Campo Alegre”, igualmente comutável por um verbo modal – “estudantes que, agora, podem ter acesso mais facilitado ao Pólo Universitário do Campo Alegre” –, mas, neste caso, acrescentando ao valor epistémico já observado uma leitura de modalidade externa ao participante, i.e., remetendo para a necessidade de se encontrarem reunidas certas condições, exteriores aos intervenientes da situação, que eventualmente poderão conduzir à sua realização (cf. OLIVEIRA; MENDES, 2013). Sublinhe-se que, apesar da presença do adverbial “agora”, ambas as proposições remetem para eventualidades posteriores ao momento da enunciação, como a leitura integral do texto deixa bem claro, conjugando-se, em torno da forma de futuro simples, valores tanto temporais quanto modais.

Uma interpretação epistémica parece igualmente estar disponível para um exemplo como (33), parafraseável por (34), em que, ao valor de temporalidade futura, se acrescenta informação que remete para a expressão da incerteza em relação à efetiva concretização da situação descrita:

- (34) O secretário de Estado adianta que até maio não deve haver dinheiro para apoiar a internacionalização, num quadro de “total normalidade”.

Particularmente interessante é um exemplo como (35), em que se combinam duas formas de futuro simples com interpretações notoriamente diferentes:

- (35) Resta apenas saber o preço a que o Note 5 chegará ao mercado, mas comparando com os modelos passados este será também elevado, tal como a restante oferta da Samsung e também da concorrência directa. (texto 4)

Na primeira ocorrência de futuro simples temos um caso evidente de uma leitura de índole temporal, dado que se procede essencialmente à localização futura da situação (não são colocadas reservas quanto à chegada do Note 5 ao mercado, não havendo, por isso mesmo, lugar à modalização da situação), ao passo que a segunda forma de futuro simples parece remeter para um valor epistémico, reforçando um certo grau de incerteza quanto ao preço concreto do equipamento, pelo que (36) parece ser uma paráfrase mais adequada do que (37):

- (36) Resta apenas saber o preço a que o Note 5 vai chegar ao mercado, mas comparando com os modelos passados este pode / deve ser também elevado, tal como a restante oferta da Samsung e também da concorrência directa.

- (37) Resta apenas saber o preço a que o Note 5 # pode / # deve chegar ao mercado, mas comparando com os modelos passados este vai ser também elevado, tal como a restante oferta da Samsung e também da concorrência directa.¹⁷

No que respeita ao presente com valor de futuro, diferentemente do que sucede com as restantes formas até aqui analisadas, verificamos que o seu licenciamento depende, em muitos casos, da presença de um adverbial temporal ou de uma qualquer expressão equivalente que remeta inequivocamente para um intervalo de tempo posterior ao momento da enunciação. É o que podemos constatar em exemplos como o que se segue:

- (38) De 27 a 31 de outubro de 2021, as músicas do mundo invadem o Porto. (texto 8)

Quando um adverbial temporal não se encontra explicitamente representado na sequência, a leitura futurativa do presente do indicativo parece estar sujeita a fortes restrições. No nosso *corpus*, ela é encontrada apenas ou em configurações em que o presente coocorre em contiguidade com formas verbais que remetem explicitamente para a posterioridade (cf. (39)) ou se, no contexto em que surge a frase em questão, foram já introduzidas indicações claras de prospetividade (cf. (50)):

- (39) Nos museus Guerra Junqueiro, do Vinho do Porto e Casa do Infante, entre linhas, formas e cores é proposto aos visitantes uma paisagem contemporânea de um Porto antigo. A oficina será orientada pelo Coletivo Arisca e destina-se aos mais novos, com mais de três anos. (texto 13)
- (40) O Ballet Nacional da China apresenta-se em Portugal com três peças do seu repertório: o segundo ato de “Giselle”, uma obra do Romantismo, “The Yellow River”, de Chen Zemei (...) e “Carmen,” do coreógrafo francês Roland Petit. (texto 18)

Na sequência (39), a presença do futuro simples na situação que ocorre na proximidade parece contribuir decisivamente para a interpretação futurativa das formas de presente que aí comparecem. Quanto a (40), é o contexto que facilita a leitura de posterioridade que lhe está associada, o que poderá ser facilmente confirmado pela leitura integral do texto 18.

Dados como estes apontam no sentido de corroborar a ideia, avançada na secção 1, de que o presente do indicativo, por si só, dificilmente desencadeia uma interpretação futurativa, necessitando de outros elementos, linguísticos ou extralinguísticos, capazes de a induzir.

¹⁷ Embora leituras exclusivamente modais do futuro simples, em que a validade da proposição é avaliada em relação ao momento da enunciação e não a um intervalo futuro, do género das construções hipotéticas ou conjecturais investigadas por linguistas como Martin (1981), Dendale (2001) ou Laca (2017), estejam igualmente disponíveis para o PE, nenhum caso foi atestado no nosso *corpus*.

Já a obrigatoriedade de uma certa proximidade com o momento da enunciação não parece ser totalmente confirmada. Na realidade, embora esta relação se revele preferencial, existem casos em que a conexão com o ponto de fala não se mostra muito evidente (cf. (41)):

- (41) É «sobretudo, uma história de ambição, uma história de poder e como chegar até lá de forma, mais ou menos desastrosa», contou, em entrevista, à Lusa Nuno Carinhas, encenador da peça que se estreia no dia 01 de junho no Teatro Nacional São João (TNSJ), no Porto, e fica em cena até dia 22 do mesmo mês. (texto 17)

Uma outra propriedade comumente atribuída ao presente com valor de futuro prende-se com o alto grau de certeza atribuído às eventualidades envolvidas. Embora, na generalidade, esta característica se confirme nos exemplos retirados do nosso *corpus*, subsistem, contudo, casos em que uma leitura modal parece ser perfeitamente adequada. É o que sucede em (42):

- (42) Em termos directos, cada euro de investido resulta (= deve resultar) em três euros e meio de vantagens económicas para os cidadãos. (texto 1)

Em suma, a partir da breve análise efetuada, somos levados a concluir que o presente com valor de futuro parece, de facto, estar condicionado pela coocorrência com informação linguística ou contextual que valide a criação de um cenário prospetivo. No entanto, a sua dependência do momento da enunciação em termos de proximidade nem sempre se verifica. O mesmo se poderá afirmar em relação à expressão de um alto grau de certeza que tipicamente lhe é atribuído¹⁸. Embora estejamos conscientes de que será necessário recolher dados de um *corpus* mais alargado e representativo, parece-nos lícito assumir que as propriedades que têm sido avançadas na literatura para a caracterização do presente futurativo se constituem mais como tendências interpretativas gerais do que propriamente como condicionalismos.

3.2. Casos de coocorrência de diferentes formas expressando futuridade

Em muitas das sequências textuais que compõem o nosso *corpus*, podemos observar a coocorrência de diferentes formas que expressam futuridade interagindo entre si. Na presente subsecção, iremos concentrar a nossa atenção em casos em que as formas de futuro simples e da construção *ir* + infinitivo surgem em contiguidade. Veremos que existem contextos em que ambas manifestam significados idênticos e outros em que dão origem a leituras divergentes.

No exemplo que a seguir apresentamos, tanto *ir* + infinitivo quanto o futuro simples expressam valores essencialmente temporais de localização das situações num intervalo posterior ao momento da enunciação, não se verificando, pelo menos em termos semânticos, uma diferença significativa na escolha entre uma ou outra forma:

¹⁸ Vejam-se, a este respeito, as observações efetuadas por autores como Oliveira, 2006; Tesch, 2011; Gibbon, 2014 e sobretudo Lucchesi; Rocha, 2022.

- (43) O Largo de São Domingos será invadido por estátuas vivas que vão exaltar os ofícios da tradição portuense. (texto 13)

Neste caso não parecem existir diferenças significativas no que respeita à interpretação das formas utilizadas para expressar futuridade. O mesmo não se pode dizer, contudo, de sequências como as apresentadas em (44) e (45):

- (44) A cidade do Porto vai acolher, em outubro de 2021, o Festival WOMEX – The World Music Expo, um dos eventos mundiais mais importantes para os profissionais da indústria da música, com mais de 26 anos de história, numa estreia absoluta em Portugal, que trará milhares de participantes à Invicta, oriundos de mais de 90 países. (texto 8)
- (45) Portugal vai começar este ano a dar os primeiros passos para a criação da rede nacional quântica, que garantirá a segurança das comunicações no espaço nacional, com a instalação em Lisboa de quatro “nós” num conjunto de organismos governamentais. (texto 15)

Na verdade, nestas duas sequências, o futuro simples parece receber uma leitura que, de alguma maneira, remete para a modalidade epistémica, contrastando com a estrutura *ir* + infinitivo, que continua a ser preferencialmente interpretada como um localizador temporal. Assim, em (44), o grau de certeza atribuído à situação de “a cidade do Porto acolher o festival WOMEX” é claramente superior ao conferido à eventualidade de “trazer milhares de participantes à Invicta”. Caso semelhante é o de (45), em que o grau de certeza atribuído a “Portugal começar a dar os primeiros passos para a criação da rede nacional quântica” é superior ao de “garantir a segurança das comunicações no espaço nacional”. A confirmar esta divergência de interpretações associadas a *ir* + infinitivo, com uma leitura de localização temporal, e ao futuro simples, com uma leitura que aponta para valores essencialmente modais, apresentamos as paráfrases em (46) e (47), que parecem corresponder ao significado preferencial dos exemplos em questão:

- (46) A cidade do Porto vai (# deve) acolher, em outubro de 2021, o Festival WOMEX – The World Music Expo, um dos eventos mundiais mais importantes para os profissionais da indústria da música, com mais de 26 anos de história, numa estreia absoluta em Portugal, que trará (= deve trazer) milhares de participantes à Invicta, oriundos de mais de 90 países.
- (47) Portugal vai (# deve) começar este ano a dar os primeiros passos para a criação da rede nacional quântica, que garantirá (= deve garantir) a segurança das comunicações no espaço nacional, com a instalação em Lisboa de quatro “nós” num conjunto de organismos governamentais.

Em suma, os valores semânticos que observámos serem característicos das formas que estamos a analisar parecem manter-se inalterados quando elas interagem entre si. Nesse sentido, a construção *ir* + infinitivo veicula consistentemente a informação de localização temporal futura das eventualidades com que se combina, ao passo que o futuro simples alterna entre uma leitura essencialmente temporal e uma interpretação que remete para a modalidade epistémica¹⁹.

4. Considerações finais

Observamos que, em textos escritos de cariz noticioso, a forma de futuro sintético manifesta ainda grande vitalidade, expressando não apenas valores modais, mas dando igualmente origem a leituras de natureza essencialmente temporal, i.e., cuja função primordial é a de estabelecer a localização de uma dada situação num intervalo posterior ao momento da enunciação. Tal como tem sido sugerido na literatura, o futuro simples mostra-se uma forma mais apta para a expressão da modalidade, embora, em grande parte dos casos, se encontre simultaneamente associado a uma clara componente temporal de prospetividade. Por seu lado, a construção *ir* + infinitivo manifesta propriedades semânticas mais restritivas, sendo normalmente usada para veicular tempo futuro. Vimos, porém, que pode igualmente integrar construções modais, embora sujeita a condições de ocorrência bastante específicas. Em particular, não exprime tipicamente modalidade epistémica.

Relativamente ao presente do indicativo com valor de futuro, constatámos que a principal restrição a que está sujeito diz respeito à ocorrência de informação linguística ou contextual que estabeleça inequivocamente um domínio posterior ao momento da enunciação. Fatores comumente apontados na literatura para a sua caracterização, como a proximidade a *t0*, a integração em predicções agentivas ou um alto grau de certeza, ainda que possam ser encarados como facilitadores para a sua comparência, não parecem caracterizar este uso do presente em termos estritamente semânticos.

Embora as configurações que exprimem futuridade aqui analisadas difiram em vários aspetos do seu significado básico, não deixam, contudo, de manifestar, de um modo bastante evidente, propriedades comuns, o que se reflete no estabelecimento do mesmo tipo de relações gramaticais em muitos dos contextos observados. Assim, talvez estejamos a assistir a um processo de especialização das diferentes formas verbais que remetem para a futuridade em PE, processo esse que, no entanto, se encontra ainda em curso, o que se pode comprovar pela facilidade com que, sob certas condições, estas estruturas são intermutáveis entre si.

Referências

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española / Espasa Calpe, 1994.

¹⁹ Um(a) revisor(a) deste trabalho coloca a interessante hipótese, com que estou plenamente de acordo, de que o futuro simples acaba por ser mais recorrente nos dados observados devido ao facto de que, para além da sua função estritamente temporal, surge frequentemente em contextos em que prevalece a modalidade epistémica, ao passo que a construção *ir* + infinitivo se restringe a sequências em que está em causa a localização temporal das situações descritas.

COPLEY, Bridget. *The semantics of the future*. New York: Routledge Outstanding Dissertations in Linguistics, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203880258>.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1984.

CUNHA, Luís Filipe. *Semântica das predicções estativas: para uma caracterização aspectual dos estados*. Dissertação de doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004. Publicado Munique: Lincom Europa, 2007.

CUNHA, Luís Filipe. Frequentative and habitual structures: similarities and differences. In: SCHNEDECKER, Catherine; ARMBRECHT, Constanze (eds.), *La quantification et ses domaines Actes du Colloque de Strasbourg*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2012. pp. 339-352.

CUNHA, Luís Filipe. The expression of futurity in Spanish and Portuguese: similarities and differences. *Borealis – An International Journal of Hispanic Linguistics*, v. 11, n. 1, pp. 101-39, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7557/1.11.1.6195>.

DECLERCK, Renaat. *Tense in English: its structure and use in discourse*. Londres / Nova York: Routledge, 1991.

DECLERCK, Renaat. *The grammar of the english tense system: a comprehensive analysis*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110199888>.

DENDALE, Patrick. Le futur conjectural versus *devoir* épistémique: différences de valeur et restrictions d'emploi. *Le Français Moderne*, v. 69, n. 1, pp. 1-20, 2001.

DOWTY, David R. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1979. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-94-009-9473-7>.

FALAUS, Anamaria; LACA, Brenda. Les formes de l'incertitude. Le futur de conjecture en espagnol et le présomptif futur en roumain. *Revue de linguistique romane*, v. 78, pp. 313-66, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. 2. ed., S. Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GENNARI, Silvia. Semantics and pragmatics of future tenses in Spanish. In: CAMPOS, Héctor; HERBURGER, Elena; MORALES-FRONT, Alfonso; WALSH, Thomas J. (eds.), *Hispanic Linguistics at the Turn of the Millennium: Papers from the 3rd Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Press, 2000. pp. 264-81.

GENNARI, Silvia. Spanish past and future tenses: Less (semantics) is more. In: GUTIÉRREZ-REXARCH, Javier (ed.), *From Words to Discourse: Trends in Spanish Semantics and Pragmatics*. Oxford: Elsevier, 2002. pp. 21-36. Disponível em: https://doi.org/10.1163/9780585475295_004.

GIANNAKIDOU, Anastasia; MARI, Alda. A two dimensional analysis of the future: modal adverbs and speaker's bias. In: ALONI, Maria; FRANK, Michael; ROELOFSEN, Floris (eds.), *Proceedings of the 19th Amsterdam Colloquium 2013*, 2013. pp. 115-22.

GIANNAKIDOU, Anastasia; MARI, Alda. A unified analysis of the future as epistemic modality: the view from Greek and Italian. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 36, n. 1, pp. 85-129, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11049-017-9366-z>.

GIBBON, Adriana de Oliveira. *Trajectoria de gramaticalização da perífrase ir (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas*. Dissertação de doutoramento, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

GIOMI, Riccardo. *Para uma caracterização semântica do futuro sintético românico: Descrição e análise dos valores do futuro do indicativo em Português e em Italiano*. Dissertação de mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.

KAMP, Hans; REYLE, Uwe. *From discourse to logic*. Introduction to model-theoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-94-017-1616-1>.

LACA, Brenda. Variación y semántica de los tiempos verbales: el caso del futuro. In: CABREJAS, Belén Almeida; CANALES, Ana Blanco; SÁNCHEZ, Jairo Javier García; LÓPEZ, María Dolores Jiménez (eds.), *Investigaciones actuales en lingüística*. Vol. II: Semántica, Lexicología y Morfología. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2017. pp. 159-92.

LUCCHESI, Dante; ROCHA, Franciane. O emprego do presente como um nicho estrutural da mudança que afeta a expressão do futuro no Português Brasileiro. *Linguística*, v. 38, n. 1, pp. 123-42, 2022.

MARI, Alda. Disambiguating the Italian future. In: *Proceedings of The Generative Lexicon*. 2009. pp. 209-16. Disponível em: https://dokuwiki.ilc.cnr.it/sites/default/files/GL2009_Proceedings.pdf#page=223.

MARTIN, Robert. Le futur linguistique: temps linéaire ou temps ramifié? (à propos du futur et du conditionnel français). *Langages*, V. 64, pp. 81-92, 1981. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/lgge.1981.1886>.

OLIVEIRA, Fátima. O futuro em Português: alguns aspectos temporais e/ou modais. In: *Actas do I Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1986. pp. 353-74.

OLIVEIRA, Fátima. Tempo verbal. In: RAPOSO, Eduardo Paiva; NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do; MOTA, Maria Antónia Coelho da; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (orgs.), *Gramática do Português*, Vol. I, Cap. 15. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. pp. 509-53.

OLIVEIRA, Fátima; LOPES, Ana Cristina Macário. Tense and aspect in Portuguese. In: THIEROFF, Rolf (ed.), *Tense systems in European languages*, Vol II. Tübingen: Niemeyer, 1995. pp. 95-115.

OLIVEIRA, Fátima; MENDES Amália. Modalidade”. In: RAPOSO, Eduardo Paiva et al. (orgs.), *Gramática do Português*, Vol. I, Cap. 18. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. pp. 623-69.

OLIVEIRA, Josane Moreira. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Dissertação de doutoramento, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Josane Moreira. A expressão variável do futuro verbal na escrita: Brasil e Portugal em confronto. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, pp. 367-83, 2011.

POPLACK, Shana; MALVAR, Elisabete. Elucidating the transition period in linguistic change: The expression of the future in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 19, n. 1, pp. 121-69, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/PROBUS.2007.005>.

SANTOS, Josete Rocha dos. A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro. *Revista Philologus*, ano 8, n. 22, pp. 71-86, 2002.

SILVA, Ademar. *A expressão da futuridade na língua falada*. Dissertação de doutoramento, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem, 1997.

SOBCZAK, Witold. Sobre la creciente presencia de la perífrasis *ir a* + infinitivo en el sistema temporal del castellano contemporáneo. *Itinerarios: revista de estudios lingüísticos, literarios, históricos y antropológicos*, v. 22, pp. 129-42, 2015.

TESCH, Leila Maria. *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*. Dissertação de doutoramento, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

Para informação detalhada sobre os diferentes textos que constituem o *corpus*, por favor entrar em contacto com o autor para o endereço luisfilipeitecunha@gmail.com